



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**DIEGO JOSÉ DA SILVA**

**IMANÊNCIA DEMONÍACA: ESTUDO DA AUSÊNCIA DO DIABO NO FILME**  
***MÃE!* DE DARREN ARONOFSKY**

**Tubarão**  
**2019**



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**  
**DIEGO JOSÉ DA SILVA**

**IMANÊNCIA DEMONÍACA: ESTUDO DA AUSÊNCIA DO DIABO NO FILME**  
***MÃE!* DE DARREN ARONOFSKY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Prof. Dr. Alexandre Linck Vargas (Orientador)

Tubarão

2019

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar desejo agradecer a minha família, que foi o alicerce principal que proporcionou que eu pudesse ter uma vida acadêmica. Foi graças a meus familiares que pude cursar o ensino superior. Minha irmã Angelina me deu incentivo, e as conversas que tive com ela sempre após as aulas foram sempre de grande valia. Meu pai, um homem de poucas palavras, esteve sempre ao meu lado, demonstrou ser caridoso aos meus interesses. Minha mãe é certamente a figura principal por eu estar cursando o ensino superior, lembro me muito bem da fala quando eu disse que não seria capaz de pagar a faculdade, ela me disse: “Entra, depois a gente dá um jeito”. E foi isso que ela fez, me ajudou, deu um jeito. No primeiro ano de faculdade me ajudou financeiramente. Sem ela, sem minha mãe, eu nunca teria chegado aqui.

Além dos meus familiares há também uma colega que esteve ao meu lado, tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal. Houveram momentos de crise, em ambos, e certamente eu não haveria aguentado sem ela, talvez tivesse até desistido. Sendo assim, muito obrigado Ana Paula Pacheco.

Por fim agradeço a dois professores, o primeiro Fábio Rauen, que nos poucos diálogos que tive, mostrou-se prestativo e incentivador. O outro professor é meu orientador, Alexandre Linck Vargas. Esse foi um sujeito áspero, duro, exigente, e tudo isso contribui para meu crescimento intelectual. Creio que ele foi essencial para revelar-me um potencial que nem eu imaginava que tinha. Mostrou-me que posso ir muito além do que esperam de mim, e posso ser muito mais do que esperam que eu seja. Por isso, muito obrigado.

## RESUMO

A dada pesquisa consiste numa análise sobre a ausência da figura do diabo no filme *Mãe!* O filme trabalha uma série de metáforas e figuras bíblicas, porém a figura do diabo por alguma razão não aparece. Neste trabalho faço uma análise dos personagens presentes no filme com o intuito de chegar ao ausente o Diabo. Para tanto, parto de um referencial teórico de uma filosofia estruturalista de Umberto Eco, até chegar a uma filosofia pós-estruturalista, usando autores como Foucault, Derrida e Deleuze. Fazendo essa análise que parte do presente e caminha até o ausente, descubro um Diabo que se manifesta no filme *Mãe!* por meio de um plano de imanência que é inserido em todos os personagens presentes do filme, inclusive o próprio Deus.

Palavras-chave: Imanência. Diabo. Deus.

## ABSTRACT

The research is an analysis of the absence of the devil figure in the movie *Mother!* The film works a series of metaphors and biblical figures, but the figure of the devil for some reason does not appear. In this work I make an analysis of the characters present in the film in order to reach the Devil absent. For this, I start from a theoretical framework of a structuralist philosophy of Umberto Eco, until arriving at a poststructuralist philosophy, using authors such as Foucault, Derrida and Deleuze. Doing this analysis that starts from the present and walks towards the absent, I discover a Devil that manifests itself in the movie *Mother!* through a plan of immanence that is embedded in all the characters present in the movie, including God Himself.

Keywords: Immanence. Devil. God.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>O DIABO AUSENTE E O DEUS PRESENTE.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>A POTÊNCIA DA MORTE E A REVELAÇÃO DA ESTRUTURA .....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>ONDE HABITAM .....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>MÃE: FERRAMENTA PRIMÁRIA .....</b>	<b>21</b>
<b>6</b>	<b>FINALMENTE, O DIABO .....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2017, o diretor Darren Aronofsky lança o filme *Mãe!*, obra que conta a história de um poeta que passa por um bloqueio criativo e busca por inspiração para escrever novamente, enquanto isso sua esposa cuida da reforma da casa, que recentemente passou por um incêndio. A tranquilidade monótona que ambos vivem logo é quebrada quando um desconhecido chega na casa. Seria uma trama simples, de um outro filme de suspense, mas não é. *Mãe!* trabalha uma série de metáforas bíblicas, conta a história do mundo desde o gênesis até o apocalipse, tudo isso por meio de um jogo de representações. Todos os personagens do filme são alegorias bíblicas. Por exemplo, o escritor interpretado por Javier Bardem é Deus, sua esposa interpretada por Jennifer Lawrence é a mãe natureza, responsável por cuidar do mundo, o homem desconhecido interpretado por Ed Harris é Adão. A própria casa não deixa de ser uma representação do mundo. Contudo, nesse esquema de representações bíblicas surge um problema.

Na cena em que Adão e Eva desobedecem a Deus e pegam o fruto proibido, não há interferência alguma do Diabo. Aquela narrativa clássica, na qual o demônio aparece em forma de serpente e convence a esposa de Adão a provar do fruto proibido não ocorre aqui. Adão e Eva desobedecem a Deus por conta própria. O demônio não aparece no jogo de alegoria antes mencionado, ele não é representado como uma pessoa ou um objeto. Dessa forma, surge uma suposta figura do demônio ausente no filme *Mãe!*. Porém, como pode ocorrer de uma figura de tamanha importância como o Diabo, tantas vezes representado na arte de diversas maneiras, não ter espaço nessa alegoria épica de Darren Aronofsky?

É sobre esse Diabo ausente que pretendo falar, talvez mais do que isso. A grande questão seria essa: é o Diabo ausente no filme *Mãe!*? Ou sua presença se manifestaria de outra forma, uma forma distinta das outras metáforas bíblicas. Como ponto de partida para dar conta disso, parto do esquema estruturalista de Umberto Eco (1991). O autor argumenta sobre uma ausência de oposições, aonde é preciso que um dos termos apareça para que o outro esteja ausente. Dessa forma, a ausência de um só se torna percebida diante da presença de um outro. O ausente aqui é o Diabo, o presente são todos os outros personagens bíblicos. O que proponho, partindo do esquema binário entre o ausente e o presente, é, por meio daquilo que se torna presente no filme *Mãe!* alcançar, chegar até aquilo que aparentemente está ausente. Dessa forma, para compreender se o Diabo é ausente ou se sua presença se manifesta de alguma outra

forma no filme, é antes necessário fazer uma análise dos presentes na obra: Deus, os homens e a Mãe. E somente após isso, poderei compreender se o Diabo torna-se presente no filme *Mãe!*.

## 2 O DIABO AUSENTE E O DEUS PRESENTE

A primeira problemática da ausência do Diabo em *Mãe!* segue ainda o pensamento de Umberto Eco (1991). O estruturalista usa em sua teoria um jogo binário, no dado caso em questão, o presente e o ausente. Porém esse Diabo supostamente ausente tende a reverberar numa figura de Deus distinto daquele que conhecemos. Eco também trabalha sobre outro jogo binário entre o eu e outro, num esquema de medição de alteridade; o homem só pode conhecer a si mesmo, quem ele é, seus ideais, suas crenças, baseado naquilo que se diferencia do outro. Só se pode reconhecer a si mesmo na presença do outro, dessa forma se mede a alteridade. Se não existe um diferente a nós mesmos como podemos nos reconhecer? Se não há o Diabo, pai da mentira, senhor das trevas, personificação do mal, como poderia Deus reconhecer-se como bom, justo, detentor daquilo que é verdadeiro? O Deus de *Mãe!* não possui uma figura que o contraponha, não possui um antagonista, que o torne maior, que o torne heroico e bom, e essa ausência do antagonismo do Diabo resulta num Deus distinto do ser onipotente que estamos tal habituados a ver ser representado.

A respeito das representações Rancière (2012) alerta-nos sobre o *impoder* da arte. Para ele a arte demonstra uma falha no que diz respeito a suas representações. Acontecimentos pequenos tornam-se grandiosos. São refeitos, recontados demasiadamente exagerados. A representação para Rancière é um exagero do acontecimento. Ela trai todo o caráter essencial e singular do acontecimento em questão. O torna mais grandioso do que ele realmente é, ou foi. O potencializa, o exagera. A representação então é, em uma palavra, hipérbole. Disso surge a problemática de representar Deus, pois como representar exageradamente um ser que é onipotente, onisciente e onipresente? Como tornar algo que pode até mesmo ser irrepresentável em algo representável? Como exagerar Deus? Como torná-lo uma hipérbole?

A hipérbole de Deus é o humano, ou melhor, humano demasiado humano. Não há como aumentar mais ainda Deus, então deve-se diminuí-lo. Da mesma forma que a vastidão do inferno foi resumida a um mero porão com uma fornalha acesa, e o Éden foi sintetizado com um simples escritório, e o universo como uma casa, Deus é representável com um humano. Frágil, inseguro, carente, e extremamente narcisista. Por mais que haja um paraíso no filme, ele prefere andar entre os homens, para ser adorado. O que ocorre em *Mãe!* é tornar o impensável, Deus, ser onipotente, onipresente e onisciente, em algo pensável. E para fazer isso, ele torna-se demasiadamente humano.

Esse Deus que é demasiado humano não se satisfaz com sua vida. Nos primeiros minutos do filme ele parece sempre estar angustiado, triste, perdido, sem qualquer propósito. Está sempre dando uma série de sorrisos forçados. Falta-lhe algo, na posição de poeta falta-lhe inspiração. Sua vida muda, ele começa a sorrir espontaneamente, somente após a criação de Adão. A cena em que isso acontece chama atenção. Deus e a Mãe estão no escritório. Deus parece impaciente, anda de um lado para o outro. Já a Mãe o observa com atenção. Ele levanta-se, vai até a janela, depois volta, senta-se na sua cadeira em frente a escrivaninha, pega a caneta em mão, posiciona-a sobre o papel. Eis então que alguém bate na porta. O poeta levanta-se e vai em direção à batida. A esposa levanta-se, olha o papel, não há nada escrito. Porém, esse Deus poeta manifestou-se de alguma forma. Foi capaz de criar, por mais que não tenha escrito nada. Aquele que bateu a porta é Adão, o primeiro homem criado por Deus.

Penso que a palavra de Foucault (2000) cabe aqui como maneira de explicar a criação de Adão. Pois Foucault fala sobre o homem e sua finitude, ele argumenta que o homem moderno nega o infinito e aceita-se como ser finito, e a partir disso começa a viver no interior de seu organismo. O homem infinito a partir de sua própria finitude, a partir do interior do seu organismo, tem a capacidade de dobra-se, constituir seus duplos. Essa finitude é sempre designada a partir de um homem concreto, no caso do filme *Mãe!* o poeta, Deus, por meio das suas formas empíricas, é capaz de atribuir existência. Vale ressaltar a preocupação da Mãe durante a cena da criação de Adão, ela teme quando Deus olha pela janela, ela teme o externo, o que é um erro baseado no conceito do homem finito, pois nada surge do externo, tudo surge, é criado a partir do interno. O que se sucede é Deus, transformando uma série de pensamentos lineares seus em uma tabela de seres parcialmente diferentes, e o primeiro deles a surgir é Adão. Deus partindo de sua finitude, partindo do seu interno, do homem moderno que vive dentro de seu próprio organismo, faz uma dobra de si mesmo, duplica-se em seres parcialmente diferentes. Quando a Mãe olha o papel em que Deus tentava escrever algo, não há nada escrito nele. Contudo, o poeta, em posição de homem finito, já se dobrou, fez existência, criou Adão.

Há um porquê desses seres criados serem parcialmente diferentes a Deus. A dobra por mais que se manifeste na representação de outro, na sua criação de existência nova, conserva algo do criador. A finitude é sempre pensada numa referência interminável a si mesmo. A criação do poeta tende a voltar de certa forma a ele. Ela possui características semelhantes ao seu criador. “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (BIBLÍIA, Gênesis, 12, 1).

Se em Foucault encontrei o ato de criação desse ser soberano, que a partir de si mesmo, tem a capacidade de dobrar-se, de duplicar-se, de criar, de representar, falta entender o

porquê de Deus criar o homem. Dessa forma é preciso voltar a Nietzsche (2017). O filósofo alemão argumenta que o homem, antes de qualquer ideal ascético, era um animal doente, algo lhe faltava, existia uma lacuna, algo a preencher. Esse animal doente chamado de homem sentia dor, mas não era ela necessariamente seu problema. Ele sentia a necessidade de justificá-la, precisava atribuir uma finalidade a ela. Essa finalidade o tornaria mais profundo. Então, o homem seria parte de algo maior. É dessa maneira que o homem renega seu nada existencial e vai ao caminho da vontade de nada. Então ele cria Deus, para que ele próprio possa ter sua existência, sua dor justificada. Nietzsche então diz que o homem, para abandonar o nada que era antes, cria um outro nada. “O homem prefere a vontade de nada ao nada da vontade” (NIETZSCHE, 2017, p. 141).

O que a vontade de nada de Nietzsche tem a ver com o Deus e a criação do homem? Como disse antes, nos primeiros minutos do filme a Deus parece que falta algo, ele demonstra ser triste, parece sentir uma lacuna. Deus sente dor, dor desse vazio, desse nada que é. Como uma forma de escapar desse nada, ele cria, cria o homem, cria Adão. Adão tornaria especial a existência de Deus, assim como os homens que viriam depois fariam o mesmo. Em troca, Deus teria um sofrimento mais profundo. Esse sofrimento mais profundo aparece em todo o caos e tragédia que surgem ao Deus criar o homem, como a morte de Abel, a morte de Jesus, a destruição da casa que é o mundo. Todavia, esse sofrimento mais profundo valeria a pena, pois agora Deus não era mais um nada, era parte de algo maior, ou melhor, fazia parte de algo que o tornará maior. Há numa das últimas falas de Deus no filme algo que justifica tanto o conceito do homem finito que se dobra, argumentado por Foucault, e a vontade de nada que Nietzsche fala. “ Nada basta totalmente. Eu não poderia criar se bastasse. É preciso criar. Isso é o que faço. Isso é o que sou.” (*MÃE!*, 2017, 1h 53min 24seg).

Esse Deus demasiado humano que busca por saciar seu vazio, suas lacunas, de tal modo que precisa tornar sua finitude interna em dobras parcialmente parecidas com ele, não enxerga os homens, sua criação, como outra coisa senão ferramentas. Disse antes que uma das características desse Deus demasiado humano era o narcisismo. Freud (2017) aparece brevemente aqui, pois para o pai da psicanálise o narcisista é aquele que trata seu corpo como um objeto sexual, o contempla, o afaga, o acaricia, até obter satisfação através dessas atividades. Para que esse Deus narcisista se satisfaça ele dobra-se, cria outros que o contemplem, que o admirem. Eis as palavras que Deus diz à Mãe após a noite seguinte a criação de Adão: “ É gratificante falar com quem aprecia meu trabalho” (*MÃE!*, 2017, 19min 06seg). Durante todo o filme Deus é contemplado pelos homens, e ele adora isso. Não importam os atos que os homens façam para contempla-lo; eles desobedecem Deus e destroem o equivalente ao fruto

proibido, tornam a casa, o mundo, no caos propriamente dito (há guerras, roubos, exploração sexual feminina), e por fim matam seu filho Jesus. Porém, nada disso faz com que Deus mude sua opinião pelos homens. Ele insiste em mantê-los na casa. Para que essas ferramentas chamadas de homem o contemplem.

O conceito de ferramenta é aqui atribuído a Bataille (2016). Ele diz que toda ferramenta é criada tendo em vista determinado fim, lhe é assinalada certa utilidade. Além disso, Bataille (2016) argumenta que a ferramenta não tem valor em si própria, ela só possui valor baseado no resultado previsto de sua utilidade, do fim ao qual ela serve. Se o homem no filme *Mãe!* é a ferramenta de Deus, sua finalidade de emprego é contemplar seu criador. Afagalo até o mesmo satisfazer-se. Há também no filme outras ferramentas, com finalidades distintas, que pretendo revela-las no momento certo.

Porém, Deus também admira o homem, admira suas piadas, suas falas, demonstra excitação ao observar Adão e Eva se beijando em certa cena. Porém, Deus só admira o homem porque admira a si mesmo. Aqui a palavra de Kierkegaard (1979) surge, a maneira como ele pensa a metáfora do poeta. Para o filósofo, o poeta é um gênio da recordação, que admira o herói. E de fato, o poeta do filme olha com a admiração para o homem. Deus pode até admirar Adão e os homens que vem a seguir. Contudo, ao fazer isso admira a si próprio. Adão é uma dobra de Deus, ele veio da finitude do mesmo, finitude essa que sempre volta a si mesmo. Ou seja, Adão, ou o homem em geral, sempre volta a Deus. Se Deus admira Adão é porque admira a si mesmo, admira sua obra, sua criação, aquilo que surgiu de si mesmo. Não um outrem oposto a si, ressalto novamente, dobras parcialmente diferentes. Há algo que se assemelha e também se difere. Deus perante o nada cria, a partir de sua finitude, Adão, para admirar não um outrem, mas a si mesmo - e também ser admirado. Pois se todos os homens são criados a partir da finitude de Deus, e Deus aqui é um poeta, todos os homens conservam também a admiração que o poeta tem sobre a figura do herói, e nesse ponto, para o homem, Deus é um herói. Um exemplo de como os homens conservam a característica poeta de Deus é quando após a morte de Jesus, os homens usam as mesmas palavras que Deus disse antes para consolar Adão e Eva após a morte de Abel.

O primeiro capítulo da análise demonstra que a suposta ausência de Diabo reverbera num Deus demasiado humano que sente um grande vazio, algo lhe falta, a partir disso ele usa sua finitude, dobra-se, duplica-se, cria a vida de outrem, o homem que são suas ferramentas, para que esse o admire, o afague, o satisfaça, além também dele próprio admirar-se já que suas dobras não deixam de ser sua criação ao assim serem. Mas como posiciona-se o homem perante esse Deus?

### 3 A POTÊNCIA DA MORTE E A REVELAÇÃO DA ESTRUTURA

Creio que os homens admiram Deus por vê-lo como origem. Foucault (2000) argumenta que o homem busca insaciavelmente um ponto fixo nascente, de onde tudo provém, de onde tudo emergiu. Esse ponto fixo revelaria conhecimentos que o homem não tem, cronologias múltiplas. Esse ponto fixo seria a origem. Foucault alerta-nos justamente sobre o que o homem erroneamente não percebe nessa busca. Tudo está em movimento, fluindo, sendo produzido, produção essa sem original. O fato é que o homem já nasce inserido num fundo de historicidade, é sempre sobre um fundo já começado que o homem pode pensar o que vale como origem para ele. Mas não como uma origem geral das coisas. As coisas começam bem antes do homem, por isso ninguém pode assinalar uma origem geral das coisas. A origem das coisas está sempre recuada, num calendário onde o homem não existe. O pensamento de Foucault nesse ponto esbara com o de Derrida (1991). Para o segundo quando se fala de uma origem se fala apenas de rastros, sem um rastro original. Rastros, apenas rastros, que por sua vez são rastros de outros rastros. O homem então não é capaz de chegar em qualquer espécie de *arché*.

Dessa maneira, há toda uma problemática em pensar uma origem geral das coisas, ainda mais no filme *Mãe!*. Pois nele há um Deus que trabalha sobre a hipótese de mundos possíveis, hipótese que voltarei a falar logo. Ao começo do filme um mundo acabou-se, vemos toda a casa em chamas, é o apocalipse, um dos apocalipses. Após isso, ele cria um outro mundo, com uma outra mãe, uma nova gênese acontece. Ao final do filme esse mundo também chega ao apocalipse, e novamente Deus tem o trabalho de recriar. Ou seja, Deus cria e recria mundos a sua vontade. Há pelo menos três mundos possíveis apresentados no filme, o que se acaba logo no começo, o que acompanhamos o desenvolvimento durante o filme, e o novo que surge ao final da obra. Porém, não há como saber quantos outros mundos já existiram antes. Sendo que na visão de Derrida só existem rastros de rastros, e também para Foucault o homem pensa de forma errônea a origem pois ela está sempre recuada num calendário aonde o homem não habita. Então como conceituar uma *arché* ou uma origem ao homem?

É daí que surge a primeira admiração do homem por Deus. Aquilo que o homem pode assinalar como origem é aquilo que está próximo dele, e em hipótese alguma tudo o que ocorreu antes de sua existência. De tal maneira, Adão, o primeiro homem, a primeira dobra, busca o que está mais próximo de si, e aquilo que está mais próximo dele é Deus, seu criador. Adão não passa de uma dobra da finitude de Deus, e a finitude sempre retorna a si mesmo. Nesse caso Adão entende sua origem como Deus, aquilo que está mais próximo dele, sem nunca

imaginar toda a história dos possíveis mundos que existiram antes dele. Em dada a cena, estão Deus e Adão no escritório do primeiro, Deus mostra seus escritos a Adão, esse está encantado por conhecer o famoso poeta que tanto admira. Adão usa essas palavras: “Suas palavras fizeram mudar minha vida” (*MÃE!*, 2017, 14min 13seg). E de fato, elas mudaram. Tornaram toda uma sequência de pensamentos lineares em Adão. As palavras de Deus mudaram a vida de Adão justamente por ter criado ela.

Esse é o primeiro ponto de admiração da ferramenta-homem com Deus. Todavia, ainda há outros pontos que admiração, e ainda há outras ferramentas úteis a Deus. A maioria dos homens tem a mesma finalidade, contemplar esse Deus narcisista para que ele se satisfaça. Um deles se distingue dos demais, não está ali para contemplar Deus, para afaga-lo. Esse homem que é a exceção da regra se chama Caim. A ele cabe uma outra finalidade. Caim revela ao homem a potência de morte. A princípio o homem é grato a Deus por ter lhe dado a vida. Deus ao dobrar sua finitude cria o homem, e o homem entendendo Deus como sua origem, aquilo que está mais próximo dele, é grato. Nesse ponto do filme só há a vida. A potência da morte ainda não foi revelada. Eis então que surge a necessidade da ferramenta Caim. Quando Caim mata Abel ele revela quão frágil a existência do homem é. Ele revela que sua existência possui um começo, a origem, que é o momento onde Deus se dobra, todavia, também possui um fim, a morte.

Aqueles que se deparam com o corpo de Abel, encontra um volume vazio. Aquilo que tinha vida, fala e movimentos agora é apenas um vazio. Didi-Huberman (1998) nos diz que se por um lado há os entes queridos olhando para o falecido, por um outro lado há também aquilo que os olha. E aquilo que os olha enquanto eles olham o volume vazio é a própria morte. Não só a morte do seu ente querido, o volume vazio que antes costumava ter vida, mas um dado saber que da mesma forma que a vida de Abel encontrou seu fim, a vida deles também irá encontrar. A morte que surge para um revela a possibilidade de morte que todos os outros estão sujeitos. Nesse ponto, a palavra de Bataille (2016) deve retornar, pois é ele que nos diz que a morte tem o poder de revelar o valor na vida. Indo mais além, Bataille diz que a morte é o grande grito afirmador da vida. A potência da morte revela a consumação da vida no dado momento em que ela se esvai.

É uma opinião ingênua aquela que liga estreitamente a morte à tristeza. As lágrimas dos vivos, que respondem a sua chegada, estão elas próprias longe de ter um sentido oposto à alegria. Longe de serem dolorosas, as lágrimas são a expressão de uma consciência aguda da vida comum apreendida em sua intimidade. (BATAILLE, 2016, p. 42).

Sendo assim, as lágrimas dos entes queridos após a morte de Abel não se dão apenas pela morte do mesmo, mas por uma consciência recém despertada da finitude humana, o descobrimento de onde ela acaba. A ferramenta Caim revela a morte, e a morte potencializa o valor da vida. E sendo que a vida foi dada por Deus, potencializa ainda mais admiração do homem por seu criador. As palavras de Deus como tentativa de confortar Adão e Eva ressaltam a morte como a morte potencializa a vida.

Como alguém pode entender a sua dor? O sacrifício de um pai. Tantos anos de preocupação. Todos os dias, horas e segundos. E em cada segundo uma dose infinita de amor. E agora, de repente, parece não ter nada para amar. Só uma escuridão, vasta e silenciosa. Mas não tenha medo. Lá dentro há uma voz querendo ser ouvida. Uma voz alta e forte. Escute. Ouvia? Está ouvindo? É o som da vida. O som da humanidade. (*MÃE!*, 2017, 58min 57seg).

Além disso, os homens reforçam sua admiração em Deus porque se eles tendem a em determinado momento acabar, Deus não, Deus é eterno, Deus é uma estrutura. Ele é o que atravessa o tempo do homem, um tempo que o homem nem pode imaginar que exista, lembrando novamente ao homem a origem. Deus é o único que sai ileso do apocalipse ao final do filme. Enquanto toda a casa está destruída, todos os homens mortos, e a própria mãe a beira da morte, Deus permanece sem nenhum arranhão. Deus é a estrutura desse mundo, ou melhor, a estrutura desses mundos possíveis. A explicação para esse Deus que funciona como estrutura está em Umberto Eco. O autor argumenta que a estrutura é uma presença que se estende ao longo de tempo, sem mudar. E Deus é totalmente presente no filme, demasiado humano andando entre os mortais. Suas mudanças são pequenas, a felicidade recente quando Adão surge, um momento de ira quando os homens o desobedecem, mas em todo filme ele sempre deseja o mesmo, ser contemplado, admirado. Isso em alguns momentos é radicalizado, mas nunca erradicado. Ele sempre deseja a admiração do homem. Mesmo após morte de Jesus, quando a mãe está em estado de ira contra o homem, Deus diz: “ Eu e você temos que achar um jeito de perdoá-los. ” (*MÃE!*, 2017, 1h 47min 04seg). Deus é uma estrutura por se estender ao longo do tempo, e também por sua vontade primária, aquela de ser admirado, não mudar durante todo o filme.

Com tais reflexões, penso que seja possível chegar a algumas conclusões. A primeira delas é que os homens são divididos em dois tipos de ferramentas, a ferramenta de admiração e a ferramenta reveladora da morte. A primeira funciona por meio da criação do homem. Já a segunda reforça o valor que a vida da primeira ferramenta tem, além de tornar Deus ainda mais admirável, pois nesse ponto o homem é grato por ele lhe ter dado vida, e ainda

o vê como um herói que transcende o limite da morte que os mesmos se encontram, revelando Deus ser assim uma estrutura. Todavia, ainda há uma terceira ferramenta, que não é o homem, mas também é sujeita a Deus. E é essa ferramenta que possibilita todos os mundos possíveis.

#### 4 A MORADA: MUNDOS POSSÍVEIS

Quando Adão e Eva desobedecem Deus, ao quebrarem o Cristal que é o equivalente a maçã do Éden, Deus demonstra ira, dá um grito tão forte que ressoa pela casa. Nesse momento a Mãe parece ter certa alegria, pois agora ela acredita, que devido a esse último ato, Adão e Eva serão expulsos da casa, do mundo onde a Mãe e seu marido Deus habitam. Contudo, após o pecado original, a Mãe questiona Deus, se os homens agora serão expulsos, e a resposta dele é: “Para onde eles vão?” (*MÃE!*. 2017, 39min 32seg). Deus não vê um outro lugar possível para suas dobras habitarem, se não ali, na casa, é o único lugar possível para que os mesmos possam viver. Quando disse que os homens são dobras de Deus, criados a partir da finitude do mesmo, omiti que os homens não são os únicos que partem da finitude de Deus. Antes de poder dobrar-se para criar Adão, Eva, e todos os outros homens e mulheres que viriam a existir depois, Deus precisa criar um lugar para que esses vivam, é preciso criar uma morada. A primeira cena do filme mostra Deus criando o mundo, após a destruição causada por um incêndio. Ao final do filme, e após um outro incêndio, Deus recria o mundo. Nisso posso enxergar que no filme *Mãe!* existem pelo menos três mundos possíveis. O primeiro é o incendiado logo ao começo da obra, o segundo o que acompanhamos desenvolver-se até seu apocalipse, e o terceiro é o que surge ao final da obra. Porém, o que eu quero dizer com esses mundos possíveis?

Leibniz (2013) argumenta que os mundos possíveis são uma sequência de coisas existentes, todo um conjunto que coisas que está ligado, por ligações que foram feitas pelo próprio Deus. Por mais que a casa seja a representação do mundo no filme *Mãe!*, ela não sustenta, não é suficiente para ser entendida como um mundo possível. Para tanto é necessário das outras coisas existentes na obra, como Deus, a Mãe e o homens. Todos os seres que existem na casa, tal qual como a própria casa, compõem esses mundos possíveis. São todos elementos, ferramentas para o desenvolvimento dos mundos possíveis. Todavia, o que me chama atenção no pensamento de Leibniz é que não há um mundo possível, no singular, mas uma série de mundos possíveis. Assim, o filósofo descarta a possibilidade de Deus criar um único mundo, e afirma que podem existir uma série de mundos possíveis, uma série de outros conjuntos de seres existentes. “E que há uma infinidade de mundos possíveis dos quais é preciso que Deus tenha escolhido o melhor, pois ele não faz nada sem agir com suprema razão”. (LEIBNIZ, 2013, p.138). No filme é possível identificar ao menos três mundos possíveis, porém, lembrando a filosofia de Foucault (2000), no que diz a respeito sobre o homem nascer num calendário sempre recuado, já existente muito antes dele, há a possibilidade de toda uma outra série de

mundos possíveis que existiram antes dos três que são exibidos na obra. Percebo que nesses mundos possíveis o resultado final é sempre infortúnio, os mundos possíveis acabam sempre com o incêndio, a representação do apocalipse. Isso leva Deus a criar um novo mundo, com novas ferramentas para compô-lo.

Ainda para Leibniz, Deus cria essa série de mundos possíveis com um único ideal, afim de que com toda essa infinidade de mundos possíveis, ele possa escolher o melhor. E se Deus pretende escolher um mundo possível melhor porque não criar um mundo sem o pecado, sem o mal? Para Leibniz Deus poderia fazer isso, esses mundos possíveis seriam Utopias. Contudo, ainda assim não seriam melhores que os mundos que possuem o pecado. Leibniz enxerga que o pecado é útil a Deus, ele possui uma grande serventia a sua antítese, o bem. Ele argumenta que um mal pode vir a causar um bem, esse segundo que não teria acontecido sem o primeiro. E ainda um mal qualquer pode vir a causar um bem maior, superior, de grande valia. “Que lá onde o pecado foi abundante, a graça foi superabundante.” (LEIBNIZ, 2013, p. 140). Percebo a existência desse Deus que vê lucro no mal no filme *Mãe!*. A morte de Abel é um desses pontos. Deus faz uso do momento, diz suas belas palavras assim destacando-se como poeta. Ainda os homens percebem que quão rasa a existência deles é, e como a morte potencializa a vida ficam ainda mais gratos a Deus por ter-lhes dado essa dádiva de existir. Ainda que percebam sua existência rasa, vem a de Deus como longeva, percebem Deus como a estrutura do mundo possível que habitam. Uma outra sequência do filme que demonstra como Deus usa o pecado a seu favor é o nascimento e a morte de Jesus. Nesse ponto a casa se encontra no caos, a paz só surge, mesmo que momentaneamente, no nascimento de Jesus. Deus entrega seu filho aos homens, mesmo contra a vontade da Mãe. Instantaneamente a criança morre e Deus tenta usar isso a seu favor, a favor daquele mundo possível. “Talvez o que aconteceu possa mudar as coisas” (*MÃE!*, 2017, 1h 49min 04seg), ele diz à Mãe, mais uma vez tentando tornar um pecado útil.

Quando disse que esses mundos possíveis, sequência de todas as coisas que possuem existência, também possuíam suas ligações, que estavam as ferramentas que o habitam estavam conectadas de antemão por Deus, supôs que é tudo calculado pelo mesmo. Agora é possível perceber que até mesmo o mal é calculado, orquestrado, faz parte de cada mundo possível com a finalidade de torna-lo melhor. Não é à toa que a arma que Caim usa para matar Abel é a maçaneta que Deus arranca do seu escritório, a representação do Éden, e a joga ao chão do primeiro andar da casa. Onde logo depois a ferramenta Mãe a recolhe, coloca-a em cima de armário, no lugar exato aonde Caim a pegaria para matar o irmão. De tal forma, Deus já organiza o mal de antemão, posiciona as peças, orquestra suas ferramentas, provocando o

mal e com isso tentando colher o fruto do bem. E ainda é ele que entrega seu filho Jesus aos homens, como uma peça de admiração aos homens. E quando o mesmo morre, Deus não demonstra tristeza, apenas deseja fazer algum uso da tragédia recente.

Outro ponto que devo salientar sobre esses mundos possíveis é que existe uma variedade deles, porém, eles não acontecem simultaneamente. Uso novamente o exemplo do pecado original, quando a Mãe deseja expulsar Adão e Eva da casa, e Deus responde que não há outro lugar para que eles possam ir. De fato, não há. A casa é a primeira criação de Deus, a morada para todas as suas dobras que viriam a existir depois. Não um outro mundo possível acontecendo simultaneamente com ele, existiram tantos outros antes, mas nunca ao mesmo. Por isso, única coisa que Deus pode fazer é manter os homens nesse mundo possível, esperando um resultado melhor que o dos outros.

Penso conseguir enxergar como Deus trabalha sobre a hipótese desses mundos possíveis, sequência de coisas que possuem existência, donde ele mesmo mantém o pecado neles, por ver nele algo útil, que possa proporcionar um bem, pois um mundo sem o mal seria um mundo de menos valia. Todavia, ainda resta entender como esses mundos possíveis começam e terminam, que ferramenta possibilita isso.

## 5 MÃE: FERRAMENTA PRIMÁRIA

Disse antes que existe uma série de mundos possíveis, que não acontecem simultaneamente, é preciso que um acabe para que outro comece. Com tal ideia, entendo que no filme *Mãe!* aquela ideia crista de um tempo linear tem vez. Assim, entendo que a noção de tempo no filme é circular. Agambem (2012) diz que Platão definia o tempo como uma imagem em movimento pela eternidade. Como num círculo, o tempo estaria num eterno movimento circular, sem que nunca pudesse encontrar um fim. Um eterno movimento sempre propenso a repetição, a recomeçar, a retornar. No filme *Mãe!* esse tempo circular revela-se pelos fins e recomeços de cada mundo possível. Após o apocalipse do segundo mundo possível Deus carrega a Mãe em seus braços, e ela à beira da morte o questiona para aonde ele e a está levando. A resposta de Deus é: “Ao princípio” (*MÃE!*, 2017, 1h 52min 50seg). Não há sinal de qualquer pausa de Deus, um mundo possível não dá certo, ele automaticamente cria um outro, recomeça tudo novamente. Não lhe resta outra alternativa a não ser essa. Contudo, não é Deus finaliza cada mundo possível, ela possui uma ferramenta para isso também.

Simultaneamente a criação do mundo, Deus cria a Mãe. A Mãe é, como Deus revela ao final do filme, a própria casa, ou seja, o próprio mundo. Por isso quando os homens agem com descuido e estragam a casa, ela sente dores, e ainda por isso ela tende a zelar pela casa, zelando assim por si mesma. Penso que a Mãe seja a primeira ferramenta de cada mundo possível, a ferramenta base para que o homem habite algum lugar. Então, a Mãe é uma ferramenta, inicialmente, de morada. Contudo, ela possui outras finalidades. Cabe a ela iniciar os mundos possíveis de Deus. “Ela trouxe a vida de volta para casa” . (*MÃE!*, 2017, 15min 19seg) diz Deus à Adão. Porém também cabe a Mãe finalizar os mundos possíveis. Numa cena onde estão apenas Deus e a Mãe na casa ela diz num tom de brincadeira que tem de cuidar do apocalipse. De tal maneira, Mãe é o botão de reset que Deus usa toda vez que um mundo possível perde o controle. Percebo então como o tempo circular transcorre devido a existência da Mãe, e a partir dela que toda a trama se desenrola. Ela é o ponto de partida e demarcação final de cada mundo possível.

Quando a Mãe nasce, levanta-se da cama, a primeira coisa que faz é procurar Deus. Já nasce procurando seu criador, procurando assim como os homens aquilo que pode chamar de origem. No pensamento de Foucault, na lógica de um calendário sempre recuado a existência do homem, vejo apenas dois personagens no filme *Mãe!* capazes de habitar esse calendário recuado. Deus e Mãe. Deus é a estrutura que se estende ao longo do tempo sem mudar, vive em

todos os seus mundos possíveis da mesma maneira. Já a Mãe, na condição de ser uma ferramenta de Deus, é sujeita à mudança. Como argumenta Bataille (2016), aquele que empunha a ferramenta também tem o poder de modificá-la, conforme ache necessário. A terceira Mãe que aparece ao final do filme revela que agora Deus precisa de uma nova Mãe, de uma nova ferramenta, diferente daquela que usou antes. Há também traços de como a Mãe que acompanhamos durante o filme deve modificar-se para que o mundo possível tenha um bom resultado. Numa das primeiras cenas do filme, ela pinta uma parede da casa, com um tom branco. Após algumas pinceladas ela começa a sentir dor. Aquele tom de cor é de um outro mundo possível que antecedeu aquela Mãe. Contudo, devido a um mal resultado desse mundo possível antecessor, a atual Mãe deve procurar um novo tom de cor, modificar a casa, modificar o mundo, para que um resultado melhor possa ocorrer. Ela substitui o branco por um tom laranja e logo para de sentir dor. Ao contrário de Deus que não muda, permanece o mesmo, ela muda em pequenos detalhes, como foi o da cor da parede.

O que desenvolvi aqui é que Deus é origem de todos os mundos possíveis, se estendendo ao longo do tempo sem mudar. A Mãe é origem de cada mundo possível individualmente, que na condição de ferramenta está sempre sujeita a mudança. Todavia, como funciona essa ferramenta de origem de cada mundo possível? O que proponho aqui é a Mãe ser uma origem sem ser originária. Nesse ponto o pensamento de Derrida (1991) deve retornar. Devo lembrar que para o filósofo pós-estruturalista quando se fala de origem se fala apenas de rastros. Rastros de rastros que provém de outros rastros também, sem a possibilidade de identificar um rastro original. A mãe é justamente um rastro, rastro de um outro mundo que existiu antes, que por sua vez também é rastro de um outro. Pensar a mãe como essa origem de Derrida, é pensar a Mãe como uma origem que vive em constante mudança, refazendo sua própria origem, deixando apenas rastros, rastros de rastros, sem que nunca haja um ponto fixo donde provém. Contudo, nesses mundos possíveis englobados por um tempo circular ainda há algo que falta, algo que precisa revelar-se. Enfim chega a hora dele.

## 6 FINALMENTE, O DIABO

Creio que com o caminho traçado até aqui seja possível enxergar um Deus um tanto quanto distinto da visão clássica dele. O que propus até esse ponto foi uma nova visão para Deus, construída por meio do filme *Mãe!*. Penso estar trabalhando sobre a hipótese de um Deus Moderno. Tal hipótese, surge com pensamento Descartes (1979). Descartes desenvolvendo a ideia do seu Cogito Clássico, aonde ele entende que existe ao perceber que é um ser pensante, e somente por meio do pensamento pode perceber o que é verdadeiro e falso no mundo. Todavia, Descartes deixa brechas nessa sua hipótese. Mesmo que nesse Cogito Clássico houvesse a superestimação do pensamento como única fonte confiável, havia também a ideia de um Deus enganador. Descartes supõe que há um Deus que empregou suas forças a enganar o homem, e que todas as coisas, como o céu, o ar, a terra, os sons, em suma, todas as coisas exteriores que vemos poderiam ser ilusões, enganos. De tal maneira, mesmo que o homem tenha o pensamento como instrumento para identificar o verdadeiro e o falso, ainda haveria algo que lhe escapava, que torna-se questionável. Algo em meio ao seu pensar que demonstrava um caráter falho. “Ora, sei já que certamente que eu sou, e que, ao mesmo tempo, pode ocorrer que todas as imagens e, em geral, todas as coisas que se relacionam à natureza do corpo sejam apenas sonhos ou quimeras.” (DESCARTES, 1979, p.94). Revela-se aqui as incertezas que habitam o Cogito Clássico de Descartes.

Devo trazer a palavra de Foucault (2000) de volta. O filósofo argumenta sobre uma espécie de Cogito Moderno. Se em Descartes a questão sobre o Cogito era reconhecer-se como um ser pensante, de tal forma que isso traria luz aos pensamentos revelando os erros e as ilusões, no Cogito Moderno segundo Foucault a questão não seria reconhecer o que é, o que é pensado, mas entender que dentro do próprio pensamento há também uma parte que é o impensado. Esse impensado, por mais que Descartes não falasse já existia estava inserido em sua filosofia, por meio das incertezas que o pensamento pode ter. Foucault então aponta o impensado naquilo que é pensado, argumentando que o pensamento tende a escapar a si mesmo e dirigir-se ao impensado, aonde, ele por sua vez, articula-se. No Cogito Moderno proposto por Foucault não se trata mais da possibilidade de conhecimento, mas de um desconhecido primeiro, o impensado dentro do próprio pensamento. Esse impensado não provém do pensado ou está acoplado a ele, ele é um outro, gêmeo, que está ao lado do pensado, ao mesmo tempo, numa dualidade. É nesse outro, nesse gêmeo do pensado, o impensado, que o Diabo habita. Penso que agora seja possível

entender que esse Deus moderno surge com a ideia de Descartes sobre o Deus enganador, e que ressurgiu e Foucault ao falar sobre o impensado dentro do próprio pensamento.

Um questionamento clássico diz tal problemática: Se Deus é todo poderoso, se Deus é bom, como pode então existir o mal? Pois é sabido que Deus foi sempre uma representação do bem, o Diabo a representação do mal, de tal forma o pensado sobre Deus é o bem. A resposta a isso é pensar um Deus Moderno, que não represente somente o bem. Se, como argumenta Foucault, o pensamento se dirige ao impensado e com ele se articula, e o não pensado sobre Deus é justamente o mal, restaria pensar que existe o mal inserido no próprio Deus, como sua espécie de impensado dentro do seu próprio pensamento. E se o Diabo é conhecido por ser a representação do mal, então há um Diabo presente no Deus Moderno do filme *Mãe!*. Uma filosofia deleuzeana (ALLIEZ, 2000) torna-se necessária aqui, pois esse Diabo que como o impensado no pensamento de Deus constitui-se por um plano de imanência.

Esse plano de imanência é campo virtual, não é possível entendê-lo como algo concreto, é somente abstrato. É nesse campo que conceitos são produzidos e por ele também encontram circulação. Dentro desse plano há uma série de movimentos infinitos, constantes, que por um outro lado, são contidos ao próprio plano de imanência, ao próprio campo virtual que habitam. Eles se enrolam e desenrolam, estão sempre em constante movimento, nunca inertes, porém sempre contidos no próprio plano. Sobre essa imanência ainda é preciso dizer que ela não existe no interior ou no exterior, ela existe entre os dois, numa fusão de ambos. E nesse campo onde produzem-se conceitos existe uma coexistência. Não há plano sem conceito, como também não há conceito sem o plano. Um é necessário ao outro. É necessário um plano de imanência para produzir conceitos, e é necessário conceito para transitar por esse plano de imanência. A respeito do pensamento, a ideia do plano de imanência ainda converge com o Cogito Moderno de Foucault.

O Plano de Imanência é ao mesmo tempo, o que deve ser pensado, e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensando no pensamento. É a base de todos os planos, imanente a cada plano pensável que não chega a pensá-lo. É o mais íntimo pensamento e todavia fora e absoluto. (ALLIEZ, 2000, p.313).

O que proponho sobre esse plano de imanência, sobre esse impensado dentro do próprio pensamento de Deus é o mal como um plano de imanência e o Diabo como conceito necessário para esse plano de imanência. É difícil propor a ideia do mal de uma maneira abstrata, sem um ente a torne ou a revele visível. Pensando nisso, compreendo o Diabo com um

ente necessário para a visualização mal. É justamente nesse ponto que o conceito se mostra necessário ao plano de imanência, para que o mesmo possa existir. Antes eu falei sobre como Deus em *Mãe!* é um exemplo do homem e da sua finitude trabalhados por Foucault, aonde o homem transforma toda uma sequência de pensamentos lineares em seres parcialmente diferentes dele. Fazendo isso Deus dobra-se, duplica-se. Contudo, a finitude do homem é sempre pensada numa referência interminável a si mesma. De tal maneira, traços, características de Deus existem também em suas dobras, como foi dado o exemplo do poeta como gênio da admiração. Ainda há um outro algo de Deus que é partilhado às suas dobras. Esse algo habita o impensado sobre Deus, esse algo seria o plano de imanência mal, povoado pelo conceito do Diabo, conceito possível para pensar-se o mal.

Todo a história do filme se passa num único lugar, a casa, metáfora possível para o mundo. A casa é criada junto com a Mãe, são o mesmo ser, a morada, a primeira ferramenta, a responsável por começar a terminar cada mundo possível, e também a primeira dobra de Deus. Logo a casa e Mãe conservam a imanência demoníaca que parte de Deus. Relembrando o conceito do homem finito, que se dobra em múltiplos, mas que esses múltiplos possuem algo dele, sendo que a finitude do homem é sempre pensada numa referência interminável sobre si mesma. Com isso, o a imanência demoníaca fazendo parte do pensamento da finitude de Deus também faz parte da finitude da Mãe, sendo que é uma dobra de Deus. Em seguida há os homens, cada um deles sendo dobra do próprio Deus, conservando também, intrínsecos a eles a imanência demoníaca. Essa ideia das dobras que conservam traços da finitude de seu criador, já existe no pensamento de Descartes. “Se ele existe em mim, pode ser capaz de aí imprimir e introduzir suas ideias.” (DESCARTES, 1979, p.109) Dado isso releva-se a importância desse Deus Moderno que surge com Descartes. E a mesma ideia aparece também no pensamento de Leibniz (2013). “Seu entendimento é a fonte das essências, e sua vontade é a fonte das existências” (LEIBNIZ, 2013, p. 138).

. O diretor Aronofsky já havia flertado com essa ideia de um mal imanente a todos nós homens em seu outro filme com viés bíblico, *Noé* (2014). Em dado momento do filme, Noé entende que a existência humana deveria ser extinta por completo, inclusive a dele próprio e a da sua família. Ele diz aos outros que o mal está inserido em todos os homens, sem nenhuma exceção, e a única maneira de tornar o mundo um lugar pacífico é com o extermínio da raça humana. Se antes, em *Noé*, Aronofsky apenas flertou com a ideia de uma imanência demoníaca, qual todos os homens estão sujeitos, em *Mãe!*, todos os personagens e toda a narrativa são entrelaçados por essa imanência demoníaca, que é sustentada pelo plano de imanência deleuzeano.

Com tais reflexões eu enxergo um Deus demasiado humano, que ao se sentir angustiado por seu nada existencial dobra-se criando seres parcialmente diferentes a ele, esses que conservam o mesmo plano de imanência que ele possui, esse plano de imanência que é o mal habitado pelo conceito do Diabo. De tal forma o Diabo por mais que não esteja presente numa forma física, que tal personagem não possua um ator que o interprete no filme *Mãe!*, o Diabo encontra uma nova maneira, um novo caminho, uma outra forma de existir, de torna-se presente. Se a Mãe, a casa, os homens partem de Deus, todos eles conservam sua imanência demoníaca. Ou seja, o Diabo está presente, mesmo que em forma de ausência. Presente na Mãe, na casa que é o mundo, nos homens e também no próprio Deus. O Diabo está imanente a Deus e todos que surgem como suas dobras. Deus é então um ser parcialmente diferente aos homens, diferente em potência, mas não em natureza. “O ‘Ser supremo’, o soberano dos deuses, não passa em geral de um deus mais poderoso, mas da mesma natureza que os outros” (BATAILLE, 2015, p. 35). A morte de Abel torna-se necessária mais uma vez aqui, pois nela há contido um exemplo dessa natureza de Deus, semelhante à dos homens. Deve-se pensar a resposta de Deus ao ato de violência de Caim. Após o ataque brutal do irmão mais velho ao mais novo, Deus puxa Caim, e logo em seguida bate a cabeça do mesmo com força numa cômoda, fazendo assim a famosa marca de Caim. Com tal exemplo, enxergo um Deus que responde a violência com violência. Pois tanto o homem quanto Deus possuem uma mesma natureza, que provém de sua imanência demoníaca. Até mesmo a Mãe é sujeita a agir de modo violento, porém em momentos específicos, como após a morte de seu filho Jesus.

Outra característica de Deus também presente nos homens, que revelam o quanto ambos possuem a mesma natureza, é o desprezo, o não zelo pela casa, pelo mundo. Ignorando seus pedidos de atenção. Deus mostra-se desde o começo da obra indiferente à Mãe, e o homem sendo sua dobra faz o mesmo. Quando a casa está lotada de pessoas após a morte de Abel, a Mãe pede inúmeras vezes para que os homens não subam na pia, e seus pedidos, sua vontade, é sempre ignorada. Até o momento que não resta alternativa a não ser agir de modo violento, acontecendo assim a metáfora do dilúvio. A Mãe é única personagem que não tem desprezo pela casa, pelo mundo, pois ela é a única que entende que faz parte dela, que foi criada simultaneamente a ela, ou melhor, que ela mesma é casa, como revela Deus ao final do filme. E ainda, como ferramenta de Deus, ela sempre esteve subordinada a agir de tal maneira, zelando pelo mundo, pela morada construída por Deus para que os homens habitem.

Com todo percorrido até aqui, chego à conclusão que o Diabo revela-se presente em ausência no filme *Mãe!*, escondido onde não se espera, aonde não se pensa, no impensado, imanente a tudo, imanente até mesmo a Deus. Funcionando por meio de um plano de imanência,

revelando que Deus possui natureza semelhante aos homens, diferencia apenas por ser uma estrutura de cada mundo possível, enquanto o homem não passa de uma ferramenta, usada por Deus para saciar o desejo narcísico dele próprio.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **Infância e história, destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Ed da UFMG 2012

ALLIEZ, Eric, (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2000.

BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**: seguida de Esquema de uma história das religiões. Belo Horizonte: Autêntica. 2016.

**BÍBLIA**, A. T. Gênesis. In **BÍBLIA**. Português. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Petrópolis: Rés, 1991

DESCARTES, René. **Os pensadores**. São Paulo. Abril Cultural, 1979

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que Vemos, O que Nos Olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

ECO, Umberto. **A estrutura do ausente**: introdução a pesquisa semiológica. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 14**. História de uma neurose infantil, Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras: 2017

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **Vida e Obra**. Coleção: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Ensaio de Teodiceia**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013

**MÃE!** (Mother!). Direção Darren Aronofsky. EUA: 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Lafonte, 2017.

**NOÉ** (Noah). Direção Darren Aronofsky. EUA. 2014

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio Janeiro: Contraponto, 2012